



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Lopes Martins, Dalton
PRODUÇÃO COLETIVA E ATIVAÇÃO DE REDES: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE
ATIVISMO SOCIAL
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 4, núm. 2, julho-diciembre, 2011, pp. 98-102
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163632012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRODUÇÃO COLETIVA E ATIVAÇÃO DE REDES: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ATIVISMO SOCIAL

Dalton Lopes Martins/Universidade de São Paulo

RESUMO: Os modos de promover redes e produzir coletivamente têm circulado de forma intensa por nosso imaginários nos últimos anos. Procuramos descrever os principais elementos que temos aplicado e aprendido em nossos projetos e ações de ativismo social, que, apesar de serem contornos iniciais, já apontam para direções futuras a serem investigadas sobre como as redes se desenvolvem, como podem ser cuidadas e como podem apoiar ações coletivas para grupos de pessoas de modo geral. Esses elementos são chamados de dispositivos de ativação de redes e têm sido construídos na relação entre áreas, como a Psicologia, Ciência da Informação e Computação.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais. Ativismo. Produção coletiva.

ABSTRACT: Ways to promote and produce networks collectively have circulated intensively by our imaginary in recent years. We have described the main elements that have applied and learned in our projects and actions of social activism that provide initial contours, but which point to future directions to be investigated how networks develop, how they can be cared for and how they can support collective action to groups of people. These elements are called activation networks devices and have been built in the relationship of areas such as Psychology, Computer Science and Information Science.

KEYWORDS: Social networking. Activism. Collective production.

INTRODUÇÃO

Há várias formas de se pensar na organização das relações de conversa no desenvolvimento de um projeto e na forma que pretendemos desenvolver um processo produtivo de ideias. Há escolhas que buscam preservar o rigor do conhecimento técnico, a padronização e as especificações que tenham sido previamente estabelecidas como referência e, para isso, criam instâncias de especialistas que determinam e monitoram os procedimentos, as normas, os padrões e as formas de como as ações devem ser conduzidas. Há outras escolhas que buscam potencializar a produção coletiva, criando e garantindo, por princípio e metodologia de trabalho, espaços de diálogo que podem ser instaurados e estar sempre abertos para discutir as normas, os procedimentos e as soluções que terão impacto direto na vida de pessoas que se relacionam no âmbito de um projeto.

Seria simplificar a discussão e acreditar que a maneira como as pessoas atuam seja mais

simples do que de fato encontramos em nossas experiências cotidianas, imaginar que a preservação das instâncias de padronização se oponham a espaços de diálogo. O ponto que podemos colocar é menos da ordem de uma polarização de visões e mais da ordem de inter-relação de nossas escolhas de gestão, criando campo para podermos compreender essas escolhas a partir de diferentes modos de relacionamento entre pessoas. A hipótese que levantamos aqui é que pessoas operando juntas produzem redes de conversação, que essas redes operam a partir de esquemas referenciais e que a abertura na rede de conversação para tornar explícito esquemas subjetivos bem como para repensar e revisar esses esquemas de forma coletiva potencializa a ação e a produção coletiva.

As interações humanas, quando recorrentes e conservadas ao longo do tempo, terminam por formar redes de interações, conjuntos compartilhados e reforçados continuamente de regras de conduta, que definem as características daquilo que chamamos de sistemas sociais auto-organizados (BROWN, DUGUID, 1998; MATURANA, 1997). De uma certa forma, para que exista um sistema social, as interações devem ser recorrentes, resultando em alguma forma de coordenação de condutas entre os membros participantes do sistema. Parece-nos que uma das questões fundamentais a serem experimentadas e analisadas é, portanto, as condições de possibilidade de como operar essa coordenação de condutas, dados que irão pautar e produzir um domínio de possibilidades de relação para verificação de como um grupo de pessoas irá se organizar.

Os ganhos de visão que obtemos quando compartilhamos nossas escolhas, quando escolhemos juntos, criam um campo em potencial que impacta muitas outras coisas para além daquilo que podemos visualizar no desenvolvimento de um projeto. Criamos redes ao sentarmos juntos e nos propormos a fazer o mesmo trabalho, a enfrentar as mesmas dificuldades e, juntos, pararmos e refletirmos sobre quais são as nossas reais possibilidades mediante as nossas reais restrições. Enxergamos o que enxergamos quando vamos juntos. Esse é um ponto fundamental a ser pensado em qualquer processo, sobretudo aqueles que lidam diretamente com a produção imaterial, com a criatividade e que afetam a forma como as pessoas se expressam, se entendem e enxergam o mundo.

1 EXPERIMENTANDO DISPOSITIVOS DE ATIVAÇÃO

A experiência na realização de projetos ativistas de cultura digital, como MetaReciclagemⁱ, projetos de inclusão social e digital, tais como Rede Humaniza SUSⁱⁱ e Telecentros.BRⁱⁱⁱ tem criado condições de experimentação de dispositivos de ativação de redes de conversação que visam pautar modos de fazer redes, produzindo domínios de possibilidades de relação com o intuito de potencializar ações coletivas. Mais do que focar numa excelência técnica de projetos, estamos buscando empoderar e criar meios de relação para a emergência de interações em rede.

A visão de rede que temos experimentado surge quando as pessoas começam a se apropriar de seus meios e processos de ação, refletindo sobre seus modos de fazer; quando sentem que seu poder de voz é real, não intermediado; quando percebem que suas decisões têm efeitos práticos, modificando a forma como as coisas acontecem. A rede surge quando as pessoas se dão conta que sua voz muda rumos, define processos e reverbera em pessoas que de fato têm interesse, tempo e vontade de escutar. A rede é inteligente para perceber quando esse processo não é real. Os *links* organizam-se, recriam-se e rearticulam-se em torno daquilo que os motiva: exercer sua própria

autonomia.

Para isso, criar encontros, eventos, seminários e reuniões presenciais são fundamentais. Não só para apresentar resultados, mas para definir a política de nosso meio. Nesses espaços, temos a oportunidade de nos colocarmos numa posição semelhante, descentralizando identidades anteriores e percebendo que nossas opiniões podem afetar a de outros e construir o novo. Mais do que construindo um processo de trabalho ou campo de ação, estamos nos construindo como grupo, como relação e como princípio de produção coletiva. É outro efeito que se obtém, é outro campo que se abre e é outro projeto que se desdobra.

Um elemento que sobressai nessas experiências é que todas elas mencionam um momento em que as pessoas constroem algum tipo de referencial comum, algum tipo de base de pensamento, algum tipo de objetivo compartilhado que permite ao grupo entender e se relacionar de alguma forma a partir desse elemento que facilita e promove contexto para sua união. Esse esquema de referencial comum que une o grupo é móvel, mutante quanto o próprio grupo. As pessoas mudam, têm compreensões diferentes, atualizam conceitos na mesma velocidade em que atualizam a sua dinâmica corporal e assim o movimento coletivo vai sendo moldado e vai moldando a dimensão que opera a relação entre as pessoas. Um dos trabalhos que temos desenvolvido e consideramos fundamental para o bem-estar do grupo e ampliação de seu potencial de produção coletiva é a contínua atualização de seu esquema referencial. Falar dele, ampliar discussões, checar compreensões, explicitar divergências, dúvidas, discordâncias é atuar diretamente nesse invisível que se torna o esquema, mas que mesmo invisível é presente diariamente em nossas conversas, nossos pressupostos e interfere diretamente em nossa capacidade de produzirmos algo em conjunto.

Dar visibilidade aos múltiplos esquemas referenciais a partir de onde as pessoas operam e permitir que possam conversar sobre suas visões, divergir e convergir princípios que permitam potencializar suas formas de ação é em que temos investido em nosso meio de operar. É um problema complexo, logo, exige uma abordagem complementar, na qual conceitos de diferentes áreas, de diferentes práticas possam se encontrar, como, por exemplo, a Psicologia, a Sociologia, a Engenharia, a Ciência da Informação e a Computação. É nessa mistura de visões, de modos de abordar problemas, de jeitos de observar as questões, de impulsos que chamam a atenção para diferentes aspectos envolvendo distintos saberes que o próprio movimento das conexões em rede começa como espaço de conversa. Para isso, produzimos e temos aplicado aquilo que chamamos de dispositivos de ativação de redes, descritos brevemente a seguir.

2 DESCRIÇÃO DE DISPOSITIVOS DE ATIVAÇÃO DE REDES

- **Criação de alguma forma de um comitê gestor deliberativo:** diz respeito à produção de algum espaço que sirva como um conselho, um comitê, uma roda de decisão na qual as questões mais complexas possam ser colocadas, debatidas e encaminhadas.
- **Realização contínua de reuniões, encontros e seminários:** refere-se à organização sistemática de conversas, encontros e seminários em que as pessoas possam trabalhar juntas, rever conceitos e encaminhamento anteriores, tendo oportunidades reais de modificarem os rumos de um processo de trabalho que oxigena e aproveita melhor a inteligência coletiva de um grupo.

- **Organização dos processos por grupos de trabalho (GT):** indica a construção de grupos de trabalho que deveriam surgir de uma demanda de organização de trabalho do próprio grupo e não de um gestor tentando impor sua forma de divisão do trabalho.
- **Construção e documentação coletiva da política de sustentação do grupo:** enfoca a importância do grupo produzir periodicamente alguns documentos orientadores que possam servir como um marco referencial de seu estágio de articulação coletiva. Essa documentação pode servir como uma maneira de explicitar a política de regulação do grupo e como uma forma mais fácil de introduzir novas pessoas na dinâmica de relação que ali está sendo proposta.
- **Utilização de tecnologias de conversação presenciais:** enfatiza a questão de a reunião em grupo nem sempre ser o mais difícil, mas o bom aproveitamento do tempo com dinâmicas de conversa que possam respeitar o tempo de todos e garantir espaços de participação ser um desafio contínuo a tecnologias de conversação. Experiências como *Open Space*^{iv}, entre outras técnicas, facilitam muito processos de interação dependendo do contexto em que as pessoas se encontram.
- **Utilização de tecnologias de conversação digitais:** mostra a web e as infinitas possibilidades de interação do campo digital como elementos que podem facilitar de muitas formas a construção de um grupo, tais como *wikis*, *blogs* e listas de e-mail.
- **Ativação de comunidades/subgrupos que surjam do refinamento das relações:** possibilita, para além dos grupos de trabalho, a identificação, com mais clareza, com determinadas pessoas que executam coisas/processos/áreas/saberes muito semelhantes aos que nós executamos. Dar condições para que essas pessoas se reúnam, discutam seus modos de fazer, compartilhem práticas, saberes e dificuldades é uma forma de facilitar a própria circulação do grupo.
- **Construção contínua de analisadores:** refere-se aos resultados e às métricas de processo. A ideia aqui, sendo o oposto do controle, é criar caminhos para que as pessoas possam se ver e analisar os padrões que elas mesmas têm construído em relação à sua própria produção.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Documentar e experimentar maneiras de descrever esses dispositivos tem sido o eixo orientador de nossas pesquisas atuais. Mais do que procurar e concluir relações explícitas de causa e efeito em relação a como esses dispositivos são ou devem ser aplicados, estamos em busca de modos de descrição das sensações que surgem, dos pontos de atenção que despertam, dos princípios de movimento e deslocamento das discussões em grupo que são produzidas. Tarefa complexa e, muitas vezes, pouco linear, exigindo pontos constantes de parada e observação do outro como busca de referência do sentido e direção do próximo movimento.

O potencial a ser experimentando na junção de áreas como a Engenharia, a Ciência da Informação e a Psicologia, quando menos preocupadas com resultados imediatos e mais com a construção de itinerários de observação mútua, focada no desenvolvimento de elementos que

facilitam e promovem conversação revela possibilidades ainda muito embrionárias, mas com intensa força de movimento reflexivo. É a partir desse ponto que pretendemos em estudos futuros descrever como temos observado os projetos onde temos aplicado esses dispositivos, que efeitos nos têm chamado atenção e que caminhos revelam novas possibilidades de experimentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizing Knowledge. *California Management Review*. v. 40. n. 3, p. 90-111. 1998.
- MATURANA, H. Biologia do fenômeno social. In: MAGRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Orgs.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

- i Metareciclagem. Disponível em: <<http://rede.metareciclagem.org>>. Acesso em: 23 mai. 2011.
- ii Rede Humaniza SUS. Disponível em: <<http://www.redehumanizasus.net>>. Acesso em: 23 mai. 2011.
- iii Telecentros.BR. Disponível em: <<http://www.telecentros.br.com>>. Acesso em: 23 mai. 2011.
- iv *Open Space*. Disponível em: <<http://www.openspaceworld.org>>. Acesso em: 23 mai. 2011.